

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadoras	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecária	Janaina Ramos – CRB-8/9166

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências socialmente aplicáveis: integrando saberes e abrindo caminhos V / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba-PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-63-7

DOI 10.37572/EdArt_250822637

1. Ciências sociais. 2. Pesquisa. I. Rodrigues, Jorge José Martins (Organizador). II. Marques, Maria Amélia (Organizadora). III. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O livro que ora se encontra nas vossas mãos, no seu quinto volume, é por tradição um livro de temática interdisciplinar e transdisciplinar no campo das ciências sociais aplicadas. É interdisciplinar porque cruza várias disciplinas do saber, ficando a sua transdisciplinaridade a dever-se aos múltiplos campos do conhecimento abrangidos por estes dezassete trabalhos, qual mosaico árabe.

A metodologia seguida na organização do volume privilegiou os conteúdos dos artigos, procurando-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, originando conhecimento. Este método originou quatro eixos de investigação, a saber: Informação: a energia que move os sistemas, Investigar ou a liberdade de desestabilizar o *status quo*, Investigar no feminino, Informação: um instrumento transversal.

O eixo 1 – Informação: a energia que move os sistemas, enquanto conhecimento é a energia que move os sistemas, está presente nos primeiros sete artigos. O eixo 2 – Investigar ou a liberdade de desestabilizar o *status quo*, glosa a liberdade intelectual para gerar conhecimento, sendo fulcral em qualquer sociedade, é o assunto ocupado pelos quatro artigos seguintes. O eixo 3 – Investigar no feminino, realça o equilíbrio entre corpo e mente, a hiper sexualidade da mulher negra e a caracterização socioeconómica de uma cooperativa de mulheres, é ocupado pelos três artigos seguintes. O eixo 4 - Informação: um instrumento transversal, foca-se na evidência empírica de os dados, devidamente trabalhados, geram informações valiosas, seja para a otimização da informação em *call centers*, da segurança rodoviária ou do enquadramento legal da atividade de acompanhamento arqueológico.

Com a disponibilização deste quinto livro esperamos gerar inquietude intelectual e curiosidade científica no leitor, incrementando a satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de toda a inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

INFORMAÇÃO: A ENERGIA QUE MOVE OS SISTEMAS

CAPÍTULO 1..... 1

COMPARACIÓN DEL VALOR DE PERTINENCIA DE LAS NORMAS CONTABLES EN ESTADOS UNIDOS VERSUS LAS NORMAS INTERNACIONALES DE INFORMACIÓN FINANCIERA: EL CASO DE LAS AMERICAN DEPOSITARY RECEIPTS

Aida R. Lozada Rivera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226371

CAPÍTULO 2..... 19

FERRAMENTA DE APOIO AOS COMANDANTES DAS OPERAÇÕES DE SOCORRO EM INTERVENÇÕES ESTRUTURAIS DAS EQUIPAS DE BOMBEIROS

Pedro Miguel Sousa Barahona

Ana Filomena de Figueiredo Dias

Carla Maria Lopes da Silva Afonso dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226372

CAPÍTULO 3..... 35

PERSPETIVA SOBRE O USO DA BIBLIOTECA DIGITAL B-ON PELOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR – O CASO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

Maria Eduarda Pereira Rodrigues

Antonio Pulgarín Guerrero

Margarita Pérez Pulido

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226373

CAPÍTULO 4..... 48

REDE ACADÉMICA WEIWER® E COREOGRAFIAS DIDATICAS: QUE RELAÇÃO?

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Luciano Gamez

Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226374

CAPÍTULO 5..... 61

CONTRIBUIÇÃO DA RETÓRICA PARA A REDAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS DE ALTO IMPACTO: ANÁLISE DO ARTIGO “AS CAPACIDADES DE ORGANIZAÇÕES VOLTADAS AO MERCADO”

Rodrigo Guimarães Motta

Neusa Maria Bastos Fernandes dos Santos

Maria Cristina Sanches Amorim

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226375

CAPÍTULO 6..... 81

ÉTICA PROFESIONAL EN LA FORMACIÓN DEL CONTADOR PÚBLICO

Teresita de Jesús Sabido-Domínguez

Valentín Alonso-Novelo

Gustavo Alberto Barredo-Baqueiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226376

CAPÍTULO 7.....92

INNOVACIÓN UNIVERSITARIA, UN ANÁLISIS TEÓRICO INTEGRAL DESDE SUS FUNCIONES MISIONALES

Jennifer Lafont Mendoza

Amelia Espitia Arrieta

Dairo Pérez Sotelo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226377

INVESTIGAR OU A LIBERDADE DE DESESTABILIZAR O STATUS QUO

CAPÍTULO 8..... 110

A FRAGILIDADE DA LIBERDADE DE IMPRENSA EM MOÇAMBIQUE, HOJE: UMA REFERÊNCIA AO *ETHOS* DO PRESIDENTE FILIPE NYUSI NO DISCURSO DO DIA DO JORNALISTA MOÇAMBICANO E AS MARCAS DO AUTORITARISMO

Dayse Alfaia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226378

CAPÍTULO 9..... 125

REFLEXIONES SOBRE LA TRANSFORMACION EN LAS PyMES Y LA GENERACION MILENIO EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Jorge Ramón Salazar-Cantón

Valentín Alonso-Novelo

Luis Martín Barrera-Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226379

CAPÍTULO 10.....133

MEMÓRIA DE AFETOS: CULTURA E REVOLUÇÃO NO RECIFE DOS ANOS DE CHUMBO

José Antonio Spinelli Lindoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263710

CAPÍTULO 11.....153

TRAÇAR UMA REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE ECONOMIA: UMA APROXIMAÇÃO

Rússel Freddy Ramos Serrano

Raúl Eleazar Arias Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263711

INVESTIGAR NO FEMININO

CAPÍTULO 12161

CONTROLOGIA: DESENVOLVIMENTO HARMONIOSO DO CORPO E DA MENTE

Thais Medeiros da Costa Dias

Fabiana Vieira de Medeiros

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263712

CAPÍTULO 13.....165

O ESPETÁCULO DO CORPO DA MULHER NEGRA E AS MARCAS HISTÓRICAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO E DA OBJETIFICAÇÃO: UM OLHAR PARA O CASO DE SARA BAARTMAN (XIX) E PARA O CASO DA CANTORA DE *FUNK* BRASILEIRA, JOJO MARONTTINI (XXI)

Dayse Alfaia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263713

CAPÍTULO 14.....184

CARACTERIZACIÓN SOCIOECONÓMICA DE INTEGRANTES DE LA ASOCIACIÓN DE MUJERES (APRIMUJER) PARA ESTIMAR POTENCIALIDADES EN EL TERRITORIO DEL ÁREA RURAL DE SAN VICENTE DE CHUCURÍ, SANTANDER, COLOMBIA

Miguel Arturo Lozada Valero

Ángela María Andrade Ulloa

Mónica María Pacheco Valderrama

Héctor Julio Paz Díaz

Rafael Calderón Silva

Leidy Andrea Carreño Castaño
Cristian Giovanni Palencia Blanco
Irina Alean Carreño
Shirley Lizeth Mancera
Daniel Augusto Buitrago Ibañez
Ana Milena Salazar Beleño
Dally Esperanza Gáfaró Álvarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263714

INFORMAÇÃO: UM INSTRUMENTO TRANSVERSAL

CAPÍTULO 15 **202**

STATISTICAL ANALYSIS OF CONVERGENCE FOR NON-LINEAR OPTIMIZATION
ALGORITHMS IN CALL CENTERS PROBLEMS

Ángel Rubén Barberis
Lorena Elizabeth del Moral Sachetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263715

CAPÍTULO 16 **215**

LOS DECENIOS DE ACCIÓN PARA LA SEGURIDAD VIAL: RECAPITULACIÓN
GENERAL Y REFLEJO EN COSTA RICA

Carlos Contreras-Montoya

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263716

CAPÍTULO 17 **228**

ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO E MÉTODO. CONTRIBUTO PARA O SEU
ENQUADRAMENTO LEGAL

Iva João da Silva Teles Morais Botelho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082263717

SOBRE OS ORGANIZADORES **248**

ÍNDICE REMISSIVO **249**

CAPÍTULO 11

TRAÇAR UMA REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE ECONOMIA: UMA APROXIMAÇÃO

Data de submissão: 06/06/2022

Data de aceite: 28/06/2022

Rússel Freddy Ramos Serrano

National University of Huancavelica
Peru

rusbel.ramos@unh.edu.pe

<https://orcid.org/0000-0003-2352-1848>

Raúl Eleazar Arias Sánchez

National University of Huancavelica
Peru

raul.arias@unh.edu.pe

<https://orcid.org/0000-0003-4604-9507>

RESUMO: Este ensaio é um exercício teórico e reflexivo sobre a definição de Economia. Da mesma forma, faremos um breve relato histórico de algumas definições dadas ao longo da história do Ocidente. Por fim, queremos indicar que é necessário redefinir algumas categorias e condicioná-las ao nosso contexto sociológico, histórico e antropológico.

PALAVRAS-CHAVE: Economia. História econômica. Bem-estar social. História do Pensamento Econômico.

A REDEFINITION OF THE CONCEPT OF ECONOMICS: AN APPROACH

ABSTRACT: This essay is a theoretical and reflective exercise on the definition of

Economics. Likewise, we will carry out a brief historical account of some definitions given in the course of the history of the West. Finally, we wish to indicate that it is necessary to redefine some categories and condition them to our sociological, historical and anthropological context.

KEYWORDS: Economy. Economic history. Social welfare. History of Economic Thought.

1 INTRODUÇÃO

Não é tão fácil refletir e testar uma definição clara de economia, pois não localizamos uma opinião unificadora sobre o assunto entre os principais expoentes dessa ciência ao longo da história do homem. A esta referência, alguns notáveis pensadores (que não eram necessariamente “economistas”) herdaram algumas ideias para o nosso tempo para esclarecer de alguma forma o assunto em questão. Aparentemente, em cada vinheta de tempo uma ideia é construída, e dependerá do seu argumento prevalecer e ser citado no próximo intervalo de tempo. Nesse sentido, pretendemos esboçar uma ideia que se estende para identificar a noção dessa palavra condicionada ao nosso contexto sócio-histórico e acadêmico.

2 VAMOS FAZER UM POUCO DE HISTÓRIA

Sabemos que desde a saída do ensino superior ou da universidade eles incutem em nós que a abertura da economia como ciência volta às mãos do famoso filósofo escocês Adam Smith que em seu texto “An Inquiry into the Nature and Causes of the Riqueza das Nações” publicado pela primeira vez em 1776, ele observou que é “... una de las ramas de la ciencia del legislador o del estadista...” (1776 p. 428). Da mesma forma, o acima mencionado claramente limitou o escopo de estudo desta disciplina de conhecimento humano, descrevendo dois objetos propostos de sua finalidade: “... El primero, suministrar al pueblo un abundante ingreso o subsistencia, o, hablando con más propiedad, habilitar a sus individuos y ponerles en condiciones de lograr por sí mismos ambas cosas; el segundo, proveer al Estado o República de rentas suficientes para los servicios públicos. Procura realizar, pues, ambos fines, o sea enriquecer al soberano y al pueblo...” (1776 p. 428).

Sobre o que foi dito, há questionamentos que podem levar a intermináveis horas de diálogos, comentários e debates por parte de estudiosos do assunto, como, por exemplo: quais devem ser as funções do Estado para com seu povo? Ou como podemos enriquecer as pessoas? Nesse sentido, nosso leitor poderia recorrer aos trabalhos realizados por Freeman (1969) para se aprofundar mais sobre o que foi afirmado. Por outro lado, é pertinente para o diálogo que estabeleceremos nestas linhas sublinhar como o centro de estudo da economia para Smith era dotar de riqueza o soberano e, claro, o resto do povo.

Também o recordado economista inglês de origem judaica sefardita-portuguesa David Ricardo, afirmou que o objecto da tese da economia não anda de mãos dadas com a obtenção de riqueza em termos da sua distribuição, pelo que nas suas próprias palavras indicou que: “El producto de la tierra [...] se reparte entre tres clases de la colectividad, a saber: el propietario de la tierra, el dueño del capital necesario para su cultivo y los trabajadores que con su trabajo la cultivan [...]. Determinar las leyes que gobiernan esta distribución es el principal problema de la Economía Política...” (1819 p. 5).

Da mesma forma, o jurista inglês Nassau William Senior, enfatizou o pensamento de Adam Smith sobre a geração de riqueza, sobre o referido, o destaque de sua obra tratou da “la naturaleza de la producción y la riqueza” (1852 p. 2). Nesse mesmo caminho, o filósofo, político e economista inglês de origem escocesa Jhon Stuart Mill ousadamente esculpe e reforça a visão que Nassau Senior tinha, mas insiste nas mesmas ideias, aqui está sua definição: “... la ciencia que describe las leyes de aquellos fenómenos de la sociedad que se originan en las operaciones continuadas de la humanidad para la

producción y distribución de la riqueza en la medida en la que esos fenómenos no quedan modificados por la persecución de otro objeto...” (1844 p. n).

Sobre isso, podemos dizer que Stuart Mill une as visões de Smith (1776), Ricardo (1819) e Senior (1852) e concentra seu trabalho na decodificação de uma concepção de economia baseada nas relações de produção de riqueza e distribuição. Por outro lado, o economista, filósofo e lógico inglês William Stanley Jevons produziu uma mudança significativa na concepção de nossa ciência, nesse sentido García & González (1997) indicaram em um trabalho de pesquisa que poderia haver três aspectos para uma boa discernimento: primeiro, muda a orientação da economia da macroeconomia para a microeconomia; em segundo lugar, a perspectiva que considera o prazer como meta da vida reforça uma qualidade muito mais explícita; e, por fim, aponta o método matemático como o único caminho científico para que nossa disciplina possa desenvolver e contribuir com argumentos objetivos para a sociedade. Sem dúvida, esta última faz sentido hoje, pois o trabalho das estatísticas e das bases econométricas fornecem dados importantes para a tomada de decisões acertadas. O economista britânico Alfred Marshall também argumentou que nossa disciplina é: “...aquella parte de la acción individual y social que se relaciona más de cerca con la obtención y el empleo de los requisitos materiales del bienestar...” (1890 p.1). Por sua vez, o filósofo e economista utilitarista inglês Henry Sidgwick nos deu uma definição em termos quase semelhantes, ele indica que: “... La economía se relaciona con el aspecto social [...] de las actividades humanas que se dirigen a la producción, apro-piación y uso de los medios materiales que satisfacen los deseos humanos, en la medida en que esos medios son susceptibles de ser intercambiados...” (1883 p. n).

O economista inglês Arthur Cecil Pigou afirmou que esse ramo do conhecimento está relacionado com “... la parte del bienestar que puede relacionarse con una medida monetaria ...” (1920 p.1). Ora, todas essas definições podem ser encontradas em um caminho comum, que a nosso ver encapsula a ciência econômica de tal forma que seu objeto de estudo é constituído por um conjunto de ações próprias do homem, como as que se referem à criação de bens. (Smith, Senior, Mill e Marshall) ou à sua distribuição (Ricardo e Mill). Em alguns cenários, a ênfase é colocada na orientação do dinheiro (como supôs Pigou) ou da troca (nas palavras de Sidgwick), no entanto, nessas questões falamos exclusivamente de bem-estar em nível material, físico e tangível. Elementos que, em nosso século, são apenas um lado dessa moeda que chamamos de homem. Essas formas de definir a economia foram questionadas oportunamente pelo economista britânico Lionel Charles Robbins em seu famoso “Essay on the Nature and Significance of Economic Science” publicado em 1932. Nas páginas deste interessante o trabalho comprova que

a abordagem tradicional sofre de uma perigosa restrição, pois há declínios na vida dos homens que não correspondem a riquezas materiais ou fortunas, mas sim a valores que incluiriam apreciar como coisas imateriais ou intangíveis. Esses elementos seriam, por exemplo, a satisfação emocional de ter conquistado o primeiro lugar em uma maratona, o carinho de um pai para com seu filho primogênito, o amor pela humanidade, o valor da amizade, entre outros.

Diante disso, Robbins (1932) dissipa esse problema ao focalizar o campo da economia não em um conjunto de ações humanas, mas em um aspecto relevante de todas elas. O que é então este elemento. Para Robbins (1932) é aquela que se relaciona diretamente com o que constitui a essência de todo problema econômico: a famosa escassez, que emana do contraste de uma multiplicidade de fins e meios evidentemente limitados. Assim, podemos apontar que o aspecto econômico da atividade antrópica reside no fato de que cenários finitos podem ser gerenciados ou administrativos de diferentes formas, razão pela qual é necessário escolher os fins considerados prioritários e importantes para o grupo social. onde esta atividade acontece. Por sua vez, como consequência do ato de escolher, surge a famosa definição: custo - oportunidade. Sendo o último, que se concebe no nosso mundo econômico como uma representação de aproximação a qualquer problema em que surja a escassez e sobretudo a escolha. Nesse sentido, pode ser utilizado não apenas nos casos de produção e distribuição de bens e fatores produtivos, mas também na observação de outros fenômenos da sociedade onde a lógica e a racionalidade fazem sua aparição. Essa abordagem é reflexo da grande influência que a grande Escola Austríaca teve sobre Robbins (1932) e, por outro lado, os ensinamentos do teólogo georgiano, unitarista, classicista, medievalista e crítico literário Philip Henry Wicksteed, que transcendeu através de sua obra "El sentido común de la economía política: incluyendo un estudio de la base humana del derecho económico", publicada em 1910.

Com efeito, Wicksteed raciocinou que o cálculo marginalista deveria ser aplicado não apenas à economia (como diziam Jevons ou Marshall), mas a toda a atividade que o homem realiza durante seu trânsito por este mundo (Robbins, 1914). Nas palavras de Wicksteed, a economia: "...es la ciencia que estudia el comportamiento humano como una relación entre fines y medios escasos, susceptibles de empleos alternativos". (Robbins, 1932 p. 16).

É necessário especificar que esta tese teve ressonância na carreira e iniciou uma grande mudança no objeto de natureza e espaço de estudo. Dessa forma, posicionou-se como a ciência do comportamento ou conduta humana segundo o princípio de que desde

que o problema a ser resolvido possa ser traçado como uma alocação conveniente em um ambiente finito ou limitado de algum recurso e seu uso ótimo e racional considerando a eficiência e sobretudo o fator tempo para sua boa administração. Por outro lado, também existem manuais introdutórios amplamente utilizados no mundo universitário e disponíveis na rede ou internet que também mantêm uma posição nesse sentido, um dos mais consultados é o de Samuelson e Nordhaus (1996) que afirmam que: “... la Economía es el estudio de la manera en que las sociedades utilizan los recursos escasos para producir mercancías valiosas y distribuir las entre los diferentes individuos...” (1996 p. 4). Essa definição sintetiza muitas das contribuições citadas nas linhas anteriores: por um lado, a ideia tradicional e, por outro, as contribuições novas com um sentido mais conjuntural e global. No entanto, até o nosso século, as pessoas continuam a falar de recursos e elementos materiais, mas não focamos no protagonista que torna possível esse processo dinâmico de mudança e transformação do mundo natural para o mundo cultural ou social.

3 VAMOS ESBOÇAR UMA IDEIA

Parece-nos que chegou o momento de não mais repetir e repetir ideias, mas propor as nossas e que estas, por sua vez, sejam discutidas e debatidas em espaços e cenários dentro e fora das salas de aula universitárias. Assim, para o caso específico do nosso ensaio, pretendemos oferecer ao leitor uma nova forma de entender a economia, para tanto, propomos a seguinte definição: “A economia é uma ciência social cuja concepção do mundo tem como objetivo supremo transformando aquela cena decadente do rio em uma cena de bem-estar e oportunidade para nossos semelhantes”. Agora decodificamos cada elemento de nosso argumento sistemicamente e compartilhamos algumas conclusões resultantes posteriormente:

- Ciências sociais: Nas palavras de Simiand (2003) ciência social “... es la disciplina que estudia los fenómenos sociales, y que los fenómenos sociales son los fenómenos que caracterizan la vida del hombre en sociedad”. (pág. 165). Nesse sentido, esse estudo dos fenômenos antrópicos é visível de forma multifatorial e interdisciplinar, portanto, ser “parte da ciência social” envolve trabalhar com o “outro” diferente de nós mesmos.
- Concepção do mundo: Almena (2010) pressupõe que os seres humanos interpretam o mundo ao nosso redor a partir de sensações que depois são transformadas em ideias ou cargas mentais. Essas formas de “reconhecer” o mundo imediato dirigem nossa atenção e são aprendidas no processo

de socialização da família e, claro, no decorrer de toda a nossa existência, assim “Por trás desse processo de desencantamento com o mundo, ocorre o problema do sentido simultaneamente. Uma vez desobstruído o caminho e dissipadas as explicações “mágicas” do real, o ser humano tenta introduzir seus próprios critérios na explicação e atribuição de sentido ao mundo e, conseqüentemente, a si mesmo. (pág. 235). Com isso, indicamos que conceber o mundo é uma forma de enfrentá-lo, um exercício metacognitivo, filosófico, reflexivo e humano para também transformá-lo. Nesse cenário, a economia se presta a ressurgir como potência.

- Fim supremo: O fim supremo tem um significado filosófico e analítico centrado no fato de que todo ser humano pode inscrever e reinscrever seu próprio caminho nesta vida. Nesse sentido, a partir da filosofia podemos dizer que a Economia tem três dimensões: a) a gênese da economia como criação cultural e que permite a comodidade do ser humano, b) o caráter social, pois a economia se manifesta à medida que há um “outro” e c) a visão integradora entre a economia e o exercício do poder. Dessa forma, o resultado dimensional que propomos contemplaria um caminho de nós mesmos e de nossa relação com os outros nos diversos cenários naturais e artificiais que surgem no tempo.
- Transformar: Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola (RAE), a palavra “transformar” significa fazer alguém ou algo mudar de forma. Isso indica que uma estrutura humana ou artificial pode abandonar uma situação original e se tornar outra, com características e condições diferentes. Essa possibilidade nos convida a reconstruir e tirar o melhor do anterior para posicionar um resultado melhor. No nosso caso, nossa premissa parte da transformação social, ou seja, desconstruir uma cena antrópica de forma sistêmica e iniciar as bases para uma nova.
- Cenário decadente: Um cenário decadente denota a falta de oportunidades e exercícios fundamentais de direitos humanos como comer, morar ou vestir. Da mesma forma, o declínio não permite apenas uma compreensão monetária, mas também pode ser entendido de forma multidimensional. Nesse sentido, essas limitações e dificuldades obstruem nosso desenvolvimento como indivíduos e sociedade, aumentando as lacunas e gerando desigualdades, de modo que um cenário de declínio impede por todos os ângulos possíveis ter qualidade de vida para nós e nossos semelhantes.

- F. Bem-estar: Podemos entender o bem-estar como uma condição de equilíbrio material, pessoal, intangível e psicobiossocial de um homem ou sociedade. Claro, eu entendo que é o fim supremo ao qual a humanidade tentou aspirar por décadas. No entanto, esta categoria supõe também gozar de qualidade de vida e sobretudo de liberdade, razão pela qual, a nosso ver, assegurar o bem-estar é assegurar o direito inerente de escolher sem prejudicar a escolha do outro.
- Oportunidade: É uma condição e qualidade de acesso a um determinado espaço e/ou cenário onde pudemos gerir e manifestar as nossas qualidades, competências e capacidades científicas, acadêmicas, tecnológicas e humanas em geral. Esta categoria assume-se como uma das finalidades da equidade social e convida-o a participar no seu exercício através do trabalho, prática e perseverança para atingir um objetivo.
- Nossos pares: São todos aqueles seres humanos que compartilham nossos ideais e aqueles que também não; ambos os sujeitos que contemplam o respeito e a livre escolha de ideias e raciocínios podem construir conhecimento a partir de contradições e dialéticas.

Neste slogan, sabemos que cada definição de “economia” anda de mãos dadas com o contexto social em que foi forjada, por isso também seria interessante considerar que nossa situação necessita urgentemente de uma reorientação sistêmica que parte da ontologia ou cenário. característica do homem e suas ações com o mundo natural e seus semelhantes. Este contributo convida-nos a reflectir sobre um posicionamento optimista dentro da especificação e obscuridade académica e social que atravessamos nesta era da informação, mas que não reflecte necessariamente um conhecimento ou sabedoria que permita uma tomada de decisão coerente e prática.

4 CONCLUSÕES

Indicamos que nossa premissa parte de um cenário reflexivo que tende a ser dinâmico por sua natureza cultural e antrópica. Da mesma forma, quisemos realizar um exercício epistemológico sobre a essência da economia, partindo de alguns cenários naturais e sociais, portanto, continuaremos sempre na busca e condicionamento académico para esse fim. Por outro lado, ao apontar que “a Economia é uma ciência social cuja concepção de mundo tem como objetivo supremo transformar aquele cenário decadente em um cenário de bem-estar e oportunidade para nossos semelhantes”, expressamos nosso desejo de construir uma ciência ao mesmo tempo. serviço do outro,

que sai do seu “conforto” teórico e que, apoiado em evidências empíricas, pode gerar espaços de diálogo e aproximação com o “mundo real”. Lembremos que por trás de cada número ou gráfico de nossas estatísticas existem e existirão pessoas que precisam da ciência e da tecnologia para melhorar sua qualidade de vida, e a ciência econômica não deve ficar alheia a esse compromisso.

REFERÊNCIAS

Almana, VG (2010). A concepção do mundo como um problema de sentido Azar, caráter e destino. Logos: *Anales des Seminario de Metafísica*, 43, 233.

Freeman, RD (1969). Adam Smith, Educação e Laissez-Faire. *História da Economia Política 1*, Primavera, 173-186.

García, MJ, & González, JLN (1997). *Ejercicios de micro-economía* (Vol. 4). Universidade Almeria.

Marshall, A. (1890). “Algunos aspectos da competência”. Discurso do presidente da Seção F - Ciencias Económicas y Estadística - da Asociación Británica, na Reunião Sixtiet, celebrada em Leeds, em setembro de 1890. *Revista da Royal Statistical Society*, 53 (4), 612-643.

Moinho, JS (2017). 1844. Nas cartas anteriores de John Stuart Mill 1812-1848 (pp. 620-654). *Universidade da Imprensa de Toronto*.

Pigou, AC (1920). El Informe de la Comisión Real sobre el Impuesto sobre la Renta Británico. *The Quarterly Journal of Economics*, 34 (4), 607-625.

Ricardo, D. (1819). *Sobre Principios de Economia Política e Tributação*. Edição de 1951, Universidade de Cambridge Imprensa, Cambridge.

Robbins, L. (1932). *A naturalidade e o significado da ciência econômica. La filosofía de la economía: una antología*, 1, 73-99.

Robbins, L. (2007). *Um ensaio sobre a naturalidade e o significado da ciência econômica*. Instituto Ludwig von Mises.

Samuelson, PA, & Nordhaus, WD (1996). *Makro ekonomi*. Jacarta: Erlangga.

Sênior, N. (1852). *Político Economia*. Edição de 1938: Allen & Unwin, Londres.

Sidgwick, H. (1883). Uma crítica à filosofia crítica. *Mind*, 8 (31), 313-337.

Simiand, F. (2003). Método histórico e ciência social. Empíria. *Revista de Metodologia de Ciências Sociais*, 6, 163-202.

Smith, A. (1776). *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*. Edição de 1976, Campbell, RH e Skinner, Clarendon Press, Oxford.

Wicksteed, PH (1910). *O senso comum da economia política, incluindo um estudo da base humana do direito econômico*. Macmillan and Company, limitada.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge José Martins Rodrigues é Economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL). Mestre e pós doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acompanhamento Arqueológico 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 244, 247
Administração 20, 23, 25, 33, 61, 62, 63, 66, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 157, 232, 235
Afetos 133, 149, 151, 244
American Depositary Receipts (ADRs) 1, 3
Apropiación Social 97, 186
Área Rural 184, 185, 186, 193, 199
Artigos 35, 43, 50, 61, 62, 68, 76, 78, 232
Autocracia 133, 139, 142

B

Bem-estar social 153
Biblioteca digital 35, 36, 39, 40, 42, 44
Bibliotecas do ensino superior 36
Biocompost 185, 186, 187, 188
B-on 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

C

Call Center Optimization 202
Coeficiente de resposta al resultado (CRR) 1, 3
Colonialismo 113, 165, 166, 168, 177, 179, 180, 181
Comandante das Operações de Socorro 19
Consejo de Seguridad Vial de Costa Rica - Cosevi 215
Contador Público 81, 82, 83, 84, 87, 90, 91
Contrologia 161, 162, 163, 164
Convergence of optimization algorithms 202, 212
Coreografias Didáticas 48, 49, 50, 52, 54, 57, 58, 59
Corpo da mulher negra 165, 166, 171, 177, 178, 179

D

Day 61, 62, 64, 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 110
Decenios de Acción 215
Docencia 92, 93, 94, 98, 105, 106

E

Economia 7, 38, 67, 69, 88, 103, 107, 126, 138, 147, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 187, 194

Educação Aberta 48, 49, 50, 51, 52, 59

Enquadramento Legal 228, 229, 234, 238

Equilíbrio corpo e mente 161

Estudo de utilizador 36

Ethos 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 136

Ética Profissional 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

Extensión 18, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 103, 105, 108, 186, 188, 201, 216

G

Generación Milenio 125

Geração 68 133, 134, 137, 139, 144, 145, 146

H

Hipersexualização e objetificação 165, 166, 167

História do Pensamento Econômico 153

História econômica 153

I

Índice de mortalidad 215

Innovación 46, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 127, 132, 185, 187, 192

Integer Nonlinear Optimization 202, 203

Intervenções Estruturais 19, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 32, 33

Investigación 3, 4, 5, 8, 16, 81, 82, 86, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 126, 185, 196, 200, 212, 224, 225

J

Junta de normas de contabilidad financiera en EE. UU. (FASB) 1

L

Liberdade de imprensa 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 120

M

Memória 25, 133, 135, 148, 149, 150, 151, 168, 177, 179, 229

Método 10, 54, 63, 79, 92, 94, 98, 110, 112, 117, 120, 155, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 172, 178, 228, 244, 246

N

Non-linear optimization 202, 212

Normas de contabilidade em EE. UU. (U.S. GAAP) 1

Normas Internacionais de Informação Financeira (NIIF) 1, 2

O

Organização 83, 84, 88, 95, 105, 125, 128, 129, 216, 227

P

Pilates 161, 162, 163, 164, 165

Portugal 19, 20, 33, 35, 45, 46, 48, 50, 51, 60, 228, 229, 230, 231, 241, 245

Profissão Contábil 81, 82, 83, 87, 88, 90

Pymes 125, 129

R

Rede Académica Internacional WEIWER® 48, 49, 50, 59

Relações de poder e autoritarismo 110

Resíduos de cultivos 186

Retórica 61, 62, 63, 64, 66, 68, 72, 78, 79, 80, 116, 121

S

Segurança Contra Incêndio em Edifícios 19, 20, 33

Seguridad Vial 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 225, 226, 227

Sostenibilidad 82, 92, 98, 105, 186

T

Tecnologias Educacionais em Rede 48, 49, 59

Tomada de Decisão 19, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 34, 159

Transformación 7, 94, 96, 102, 103, 105, 125, 131, 132, 190, 196, 198

U

Universidad 35, 46, 81, 82, 86, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 104, 106, 107, 125, 202

V

Valor de pertinencia 1, 3, 5, 6, 7, 8, 15, 16

W

Wikipédia 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 90, 173